



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa



ANO VI - N.º 69

Arcanjo da Estação Primavera: RAPHAEL

Dezembro 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Os mais antigos livros de moral do mundo (Para refletir)

Os dois mais antigos tratados da moral egípcia provêm do papiro Prisse, conservado na Biblioteca Nacional de Paris. O primeiro, composto por um autor de nome Kaqimma, data da III dinastia. É um repositório de sentenças, das quais transcrevemos algumas:

“A felicidade faz com que achemos bons todos os lugares, um pequeno insucesso pode aviltar um grande homem.”

“As boas palavras brilham mais que a esmeralda, que as mãos dos escravos encontram entre as pedras.”

“O sábio está contente com o que sabe, bons são os liames de seu coração, agradáveis são os seus lábios.”

O segundo foi composto sob o penúltimo rei da V dinastia, por um ancião de sangue real, chamado Ph-

tah-hotpou. Ele procurou utilizar, na composição do tratado, o lazer de sua avançada idade, cujas misérias, ele descreve primeiramente em termos enérgicos.

O monarca Phtah-hotpou diz:

“Senhor, meu mestre, quando a idade está presente e a velhice chega, vem à debilidade, a segunda infância, sobre a qual uma miséria se abate a cada dia; os olhos se tornam pequenos, os ouvidos se estreitam, a força se usa sem que o coração cesse de bater, a boca se cala e não fala mais, o coração se obscurece não mais se recorda do dia de ontem, os ossos se tornam dolorosos, tudo o que era bom se torna mau, o gosto desaparece inteiramente, a velhice torna o homem miserável em tudo, porque suas narinas se obstruem e ele só pode respirar de pé ou sentado.”

“Se o humilde servidor, que está diante de ti, receber ordem para falar como convém a um velho, dir-te-ei então a linguagem dos que conhecem a história do passado, dos que ouviram os deuses, porque se agires como eles, o descontentamento será destruído entre os ho-

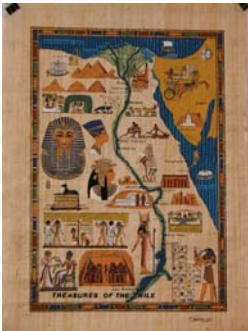
mens e as duas terras trabalharão em teu benefício!”

Nota as impressões que lhe vêm ao espírito tais quais ocorrem, sem grupá-las e tirar delas a menor conclusão de conjunto.

A ciência é útil para chegar a um bom lugar; recomenda-se a ciência.

A doçura para com os subalternos é bem vista e de boa educação; faça o elogio da doçura.

Entremeia o todo de conselho sobre a conduta a ser observada nas diferentes circunstâncias da vida, seja em presença de um homem imperioso e colérico, em reuniões mundanas, em jantares com grandes personagens, no casamento.



O livro é uma espécie de código da civilidade pueril e honesta, um tratado de moral prática, ensinando a maneira de se guiar à gente na vida.

Nele se encontra regras para respeitar a ordem estabelecida pela política social e para fazer carreira no mundo.

A base primordial da moral e da boa ordem, para o príncipe Phtah-hotpou é a obediência filial, estendida as relações com o governo, que ele considera investido de uma verdadeira autoridade paternal.

“O filho que recebe a palavra de seu pai se tornará idoso por causa disso... A obediência de um filho ao pai é a alegria... É caro ao seu pai e a sua fama corre na boca

dos vivos que andam sobre a terra.”

“O rebelde vê a ciência na ignorância, as virtudes nos vícios, comete diariamente com audácia, toda sorte de fraudes, e nisso vive como se fora morto.”

“Sua vida de cada dia é o que os sábios sabem ser a morte; avança pelos caminhos que traça, sobrecarregado de uma multidão de maldições.”

“O filho dócil será feliz em consequência de sua obediência; tornar-se-á velho, chegará ao favoritismo. Tornar-me-ei, assim um ancião da terra, percorri cento e dez anos de minha vida com o favor do rei e a aprovação dos antigos, preenchendo meus deveres para com o rei como favorito seu...”

Alguns milhares de anos mais tarde têm, no mesmo gênero, as máximas do escriba Ani, dirigidas a seu filho Khons-hotpou, para sua instrução. É um papiro do museu do Cairo, que as conservou e cuja tradução deverá a Chabas.

São de uma moral muito elevada e pura, é impossível não se notar um grande progresso sobre o espírito chão que inspirava os preceitos de Phtah-hotpou.

O homem, segundo Ani, deve ter sempre presente o pensamento da morte e da instabilidade das coisas terrenas; “Não há homem imutável em coisa alguma; tal é a resposta da morte. *Fixa teu olhar na vida*”

É, com efeito, esse pensamento constante que lhe deve mais seguramente inspirar o bem; “Lembra-te do que partiu. Coloca

diante de ti, como caminho a seguir, uma conduta sempre justa. Serás considerado como tendo preparado para ti mesmo uma sepultura condigna no vale funerário que amanhã há de receber teu corpo.

Que isso esteja diante de ti em todas as coisas que devas decidir. Assim como os velhos muito idosos, deitar-te-ás no meio deles. Não há remissão, mesmo para aquele que se conduz bem; o destino dele está também traçado.

A ti virá também teu mensageiro de morte para te levar, sim! Ele já está pronto. De nada, te valerão discursos, porque ele vem, já está preparado. Não digas; “Sou ainda uma criança, eu, a quem estás levando”

“Não sabes como hás de morrer. A morte vem ao encontro tanto da criança, que ainda está presa ao seio materno, quanto daquele que chega ao termo da velhice. Vê! Eu te digo coisas salutares, em que meditarás em teu coração, antes de agires, nisso encontrarás a felicidade e todo mal se afastará de ti.”

“Entrega-te à divindade, guarda-te constantemente para ela e que o amanhã seja como hoje. Que teu olhar considere os atos da divindade. É ela que atinge o que é atingido.”

Ani insiste pouco menos no respeito à velhice e à autoridade hierárquica. “Não te conserves sentado enquanto outro se mantém de pé, se fores mais moço que ele ou se ele for teu superior pelas funções que exerce.”

“Que a resposta do velho,

que se apóia num bastão, reprima tua ousadia, para que não te exponha à indignação por tuas palavras.” Onde ele se torna verdadeiramente eloqüente é quando fala do respeito e do amor filial que cada um deve à própria mãe:

“Fui eu que te dei a tua mãe, mas foi ela quem te carregou, e em te carregando, muitas dores ela teve que sofrer, e não te lançou sobre mim.”

“Nascestes depois dos meses de gravidez e ela te suportou como um verdadeiro jugo, trazendo-te ao seio durante três anos. Adquiriste força e teus desasseios não a desgostaram a ponto de fazerem-na dizer: “Ó! Que farei?” Foste mandado para a escola, enquanto te instruíam, ela procurava diariamente teu mestre, levando-te, de casa o alimento. Chegaste à idade adulta, casaste e constituíste família.”

“Nunca percas de vista o parto doloroso que custaste a tua mãe, nem todos os cuidados salutares que ela te dispensou. Não faças com que ela tenha de que se queixar de ti, para que não eleve suas mãos para a divindade e esta escute suas queixas.”

Ani recomenda ao filho para tratar a própria esposa com atenção e doçura. “Não sejas rude para tua mulher no lar quando sabes que este se encontra em boa ordem.” Não lhe digas: “Onde está isto ou aquilo, trazeis-mo”, porque ela tudo pôs no lugar conveniente. Porque teus olhos o viram e tu guardaste silêncio reconhecendo seu mérito.

“Cheio de alegria, Poe tua

mão na sua. Muita gente não sabe como pode o homem se comprazer em introduzir a desgraça no próprio lar. E realmente não atina com o modo de se conduzir.” “Toda direção da manutenção de uma casa está contida na doçura paciente do homem.”

Ani despreza, de resto, “o que tem o coração sem energia” e que não sabe dirigir. “A disciplina no lar é a vida, usa da reprimenda e te darás bem.” Entretanto, importa saber repreender os servidores, é preciso tratá-los com suavidade, cuidar deles, não ser para eles nem duro nem justo.

Eleva à altura de um preceito essencial a caridade para com os pobres. “Não comas teu pão em presença de quem quer que tua mão se estenda para lho oferecer. Alguém terá deixado de ver que há ricos e pobres? Mas o pão fica para aquele que procede fraternalmente...” “A melhor condição para uma vida feliz é saber a gente se contentar com a própria sorte sem invejar a de outrem.”

“Fizeste para ti um cercado bem irrigado, cercaste de sebes tuas terras de labor, plantaste sicômoros em círculo, bem ordenados, em toda a extensão de tua residência, enches as mãos de todas as flores que os teus olhos vêem.”

“Cansamo-nos, entretanto, de tudo isso. Feliz o que não se cansa!”

“Não ponhas tua satisfação nas coisas de outrem, não conte com os bens de outrem, não subirão tua casa”

Um papiro demótico do Louvre forneceu ainda ao Sr. Pierret uma pequena coletânea de apotegmas morais, alguns dos quais são notáveis. O autor desconhecido dessas máximas mostra-se tão preocupado quanto Ani com as más relações.

“Não te faças companheiro de um homem mau, não andes com o insensato, nem te detenhas em suas palavras.”

“Mas, recomenda-se evitar as más companhias, proíbe com não menor energia, o exercer sobre os outros uma influência malsã!” “Não pervertas o coração de teu companheiro, se ele é puro.” “Que no coração de uma mãe não haja entrada para a amargura.” Seus preceitos se recomendam, principalmente, por um sentimento muito belo de respeito e atenção para com os pobres.”

“Não maltrates um inferior, respeita teus superiores.”

“Não maltrates a mulher, cuja força é menor que a tua, que ela em ti encontre seu protetor.”

“Não faças sofrer uma criança, por causa de sua fraqueza, presta-lhe auxílio.”

“Não te divirtas zombando dos que dependem de ti.”

Em uma última recomendação, chega a uma altura bem elevada.

“Não procures, jamais salvar tua vida à custa da de outrem.”

Maspero et Lenormant
Publicado na Gnose
dezembro 1938